

Quinta do Conventinho

PROPOSTA DE CLASSIFICAÇÃO COMO MONUMENTO DE INTERESSE PÚBLICO



2021



Quinta do Conventinho

Proposta de classificação como Monumento de Interesse Público

Dossier de fundamentação

Câmara Municipal de Loures

Departamento de Gestão e Planeamento Urbanístico

Divisão de Planeamento Urbanístico

Maio de 2021



1 IDENTIFICAÇÃO

- Património Arquitetónico
- Designação: Quinta do Conventinho
- Outras designações: Convento do Espírito Santo
- Endereço: Quinta do Conventinho
EN8, Km 4.3, 2670-492 Loures

2 CARATERIZAÇÃO



^
Norte

Localização. Limite da Quinta do Conventinho sobre ortomapa.

- 2.1 Função original: Convento de Franciscanos Arrábidos;
- 2.2 Função atual: Museu e Centro de Documentação;
- 2.3 Enquadramento

A Quinta do Conventinho está localizada na Freguesia de Santo António dos Cavaleiros e implantada na encosta da Mealhada. Tem acesso a partir da EN 8, do lado poente, através de uma alameda ladeada por uma fiada de amoreiras de cada lado. Para nascente da EN 8 desenvolve-se a Várzea de Loures, área de elevado valor ambiental.

Dispõe de posição e enquadramento privilegiados, inserindo-se num cenário ainda rural, entre áreas urbanas. Está implantada a meia encosta. A encosta possui relevo ondulado suave a moderado, e declives que vão de moderados a muito elevados, com maior exposição a Norte e Nascente. Na envolvente próxima da quinta, produz-se ainda cereal em sistema de sequeiro, e



observa-se a prática de pastorícia. A atividade agrícola proporciona, de acordo com as estações do ano, uma variedade sequencial de imagens, com alternância de cores e texturas. A quinta e a sua vasta envolvente não edificada funcionam como espaço de articulação entre as áreas de expansão de Loures e Santo António dos Cavaleiros. A posição que ocupa na encosta confere-lhe vários pontos dominantes sobre a paisagem envolvente.

Dos pontos de vista dominantes, destacam-se a vasta bacia visual sobre a Várzea de Loures e Costeiras, a ligação visual ao Palácio dos Marquês da Praia e ao Parque Adão Barata, para Norte e Nascente, bem como as vistas para a Quinta do Peixeiro, a Poente.

2.4 Descrição Geral

Construído na década de 1570, o Convento do Espírito Santo, de franciscanos arrábidos, profundamente reformulado em 1646 e recebendo importantes obras em 1708-1709, mantém-se hoje como um testemunho da arquitetura conventual contrarreformista. Dada a demolição e descaraterização profunda de grande parte dos conventos arrábidos construídos em Portugal, o Convento do Espírito Santo e a sua cerca, conjunto atualmente designado como Quinta do Conventinho, são um caso raro de sobrevivência deste tipo de arquitetura no nosso país, sendo, por isso pertinente a sua classificação. Deste imóvel, destaca-se todo o conjunto da antiga quadra, em torno do claustro de colunas toscanas e a igreja com sua galilé. Na capela mor do templo distinguem-se os quatro painéis de azulejos historiados, a azul e branco, com temas bíblicos, de época joanina e no altar mor barroco, o sacrário em talha dourada e a tela (provisoriamente no Museu municipal) realizada pelo pintor régio Bento Coelho da Silveira no último quartel do século XVII, representando o Pentecostes. Ainda na igreja, deve referir-se a pintura a fresco na parede onde se abre o arco triunfal, de quadratura, com motivos arquitetónicos e de figura, atribuída ao pintor bolonhês Domenico Francia, residente em Frielas no ano de 1745.

No espaço da antiga cerca conventual, destacam-se o miradouro no seu ângulo nordeste e os três espaços de estar e de contemplação, com suas fontes ou bicas, em nichos com cascata, decorados com embrechados, e, bancos de pedra com azulejos de albarradas joaninas. Destes espaços, sobressai, pela erudição do seu desenho, a Casa de Fresco, ao fundo de um eixo perspetivo, que se desenvolve a partir do alçado poente do convento.

2.5 Estado de conservação

O estado de conservação é, na generalidade, bom. Existem, no entanto, patologias que de seguida se enumeram.

Verificam-se fissuras nas paredes e arco da igreja, bem como infiltrações de humidade nas suas paredes afetando pinturas existentes.

Há infiltrações de humidade ascensional nas paredes do antigo refeitório conventual, com deterioração grave dos azulejos e pinturas existentes.

As pinturas da antiga portaria conventual estão pontualmente deterioradas.



Verifica-se infiltração pontual de humidade na parede norte do piso 3 do atual museu (antiga hospedaria conventual).

Notam-se ataques biológicos em algumas paredes e pavimentos.

Os pavimentos estão em bom estado, na generalidade. Os pavimentos dos terraços envolventes do claustro carecem de intervenção de beneficiação.

As coberturas encontram-se em bom estado, na generalidade, verificando-se a ocorrência de infiltrações no tardo da frontaria da igreja e na transição entre a água (virada a sul) do telhado da mesma e a água (virada a nascente) do telhado do Convento (zona de interseção da água nascente do convento com a parede da igreja).

As caixilharias de madeira em portas e janelas exteriores necessitam de reabilitação.

No espaço da antiga cerca conventual há muros derrubados, muros, escadas e construções associadas em risco de ruína (ex.: Fonte do Leão, junto à Casa de Fresco), incluindo azulejos e demais elementos decorativos associados. Existem tanques, fontes e outras estruturas hidráulicas inoperacionais ou deterioradas. Há painéis de azulejo em risco (fissuras e destaques) e a necessitam de conservação. Os elementos decorativos (embrechados e outros) necessitam de conservação e restauro.

Os três locais de estadia exterior dos frades: a Casa de Fresco/Fonte do Leão, bem como as áreas de estar e contemplação situadas junto ao tanque sul e junto à fachada norte da antiga hospedaria conventual, incluindo os seus azulejos, cascatas e demais elementos decorativos, carecem de intervenções especializadas de conservação e restauro.

O edifício do Pombal tem problemas estruturais (fendas). Os bancos, muretes, escadas e elementos diversos carecem de reabilitação.

3 SITUAÇÃO DA PROPRIEDADE

3.1 Proprietário e Endereço:

Câmara Municipal de Loures

Praça da Liberdade

2674-501 Loures

4 OBSERVAÇÕES

4.1 Intervenções Previstas: reabilitação dos espaços exteriores;

4.2 Pessoas / Entidades que possam dar informações: CM Loures: Manuel Villaverde (DPGU/DPU), Fernanda Ferreira (DPGU/DPU), Ana Raquel Silva (DCDI/DC);

4.3 Restrições à divulgação de informação: não há.



5 OUTRAS PROTEÇÕES

5.1 Instrumentos de Gestão Territorial: PDM de Loures

Ordenamento

Classificação e Qualificação do Solo: Solo Urbano: Solo Urbanizado: Espaços Verdes: Verde de Recreio e Lazer

- Estrutura Patrimonial

Valores patrimoniais identificados na Carta da Estrutura Patrimonial, na Carta de Condicionantes e Anexo I ao RPDM:

Valores Isolados; VI186 - Quinta do Conventinho

Valores com Interesse Paisagístico

Q77 - Valores com Interesse Paisagístico; Quinta com Interesse Cultural e de Recreio; Quinta do Conventinho;

Valores Arqueológicos

A183 - Área de Valor Arqueológico, grau 1

- Condicionantes

Estrutura Ecológica Municipal, Nível Local. Áreas Vitais.

Outras Condicionantes I. Equipamentos e Infraestruturas. Aeroporto.

6 CARATERIZAÇÃO HISTÓRICO-ARTÍSTICA

6.1 Épocas Construtivas

A obra inicial do Convento do Espírito Santo decorreu entre 1573 e 1575, restando deste período o essencial da estrutura da Igreja conventual e da Hospedaria.

Em 1646, o convento sofreu uma profunda campanha de obras, reedificando-se os espaços da quadra, nomeadamente a Sala do Capítulo, o refeitório, a cozinha e o espaço reservado às celas, no piso superior.

Em 1708-1709, há uma nova campanha de obras, aumentando-se o espaço do refeitório, aumentando-se também o número de celas e construindo-se o corpo da livraria. A fachada principal, virada a nascente, data deste período, à exceção da galilé da igreja e do corpo da hospedaria.

6.2 Síntese Histórica

O Convento do Espírito Santo de Loures foi o 13º da ordem dos frades arrábidos construído em Portugal. A sua obra decorreu entre 1573 e 1575, devendo ser entendida no contexto de reforma da Ordem Franciscana, num ideal de retorno a princípios de ascetismo e simplicidade, que vinha levando, desde meados do século XVI, à construção de vários conventos capuchos.



O concílio de Trento veio, com a sua orientação contrarreformista, acelerar este processo. O tribunal do santo ofício e o clima de religiosidade da época foram propícios ao surgimento de mecenas para as obras de construção deste tipo de edifícios. A família Castro do Rio, de ricos mercadores, nobilitados em 1561, foi disso um exemplo.

1573 – Início da construção do Convento de Capuchos Arrábidos, em dia do Espírito Santo. Luís de Castro do Rio é o seu fundador e padroeiro, a convite do Provincial da Ordem, Frei Baltasar das Chagas;

Luís de Castro do Rio e seu irmão Diogo, foram mercadores muito ricos, filhos de Antão Vaz de Castro. Ambos os irmãos haviam sido nobilitados no reinado de D. Sebastião, durante a regência do Cardeal D. Henrique que lhes concedera carta de brasão de armas em 1561, dando-lhes por solar a Quinta do Rio, em Sacavém.

Os privilégios a esta família foram ratificados por Filipe III em 1638. Diogo de Castro, grande armador, recebeu o título de Cavaleiro da Ordem de Cristo. Os Castro do Rio haviam financiado e participado em expedições militares em África e na Índia, desde o tempo do Rei D. João III.

A construção iniciou-se pela igreja e, de seguida, pela quadra, com a sacristia, o claustro, a área residencial constituída pelas celas para frades e noviços, a sala do capítulo, o refeitório e a cozinha, a despensa e o lavatório.

Luís de Castro do Rio mandou construir “casas” contíguas à igreja, onde costumava ir e, donde assistia à missa. Após a morte do seu filho e neta, esse espaço passou a servir de hospedaria conventual.

Essas casas possuíam um terraço ao nível do sobrado, como varanda ou miradouro, para se apreciar a vista sobre a várzea;

1580 – Celebrou-se neste convento, Capítulo da Província da Arrábida;

Após a morte de Luís de Castro do Rio, o padroado do convento passa para o seu filho Tomé e sua mulher Brites de Sousa que ampliaram a cerca conventual, aumentando a área de produção hortícola e frutícola;

O padroado do convento passa de seguida para Francisco Cirne da Silva, senhor de Refoios e da Agrela, marido da neta de Luís de Castro do Rio, D. Maria de Castro. Cirne da Silva determinou que os 30.000 reis de juro que possuía na Alfândega de Lisboa, fossem destinados ao convento;

1646 – Profunda campanha de obras, em que se reedificou grande parte do convento. A igreja e a casa do padroeiro, futura hospedaria, mantiveram a sua estrutura inicial.

A nova sala do Capítulo foi paga por Francisco Ferreira Barreto e sua mulher Maria Moreira Teles, que aí foram sepultados. Subvencionaram a obra do altar desta sala. O segundo marido de Maria Moreira Teles, o contador-mor Luís Pereira de Barros foi, posteriormente, sepultado no mesmo local.

1708-1709 – Nova campanha de obras, em que se reedificaram as oficinas, se ampliou o refeitório, se construiu o De Profundis (compartimento em que se entoavam os salmos enquanto se velavam os mortos); construiu-se também a livraria e aumentou-se o número de celas.



A livraria e a hospedaria mantiveram-se fora da quadra, respeitando os estatutos da Província da Arrábida;

Século XVIII, 1ª metade – Colocação dos painéis azulejares da Igreja Conventual representando o Batismo, a Tentação de Cristo, Jesus caminhando sobre as águas e o Pentecostes;

1744-1746 – Obras na Igreja conventual, suportadas pela Irmandade dos Terceiros de São Francisco, da qual era então ministro José da Mata de Sousa Coutinho, Correio Mor do Reino. Data desta época a pintura mural de quadratura e figuras, enquadrando o arco cruzeiro, por Domenico Francia, artista bolonhês então residente em Frielas.

Século XVIII, 2ª metade – revestimento azulejar do claustro, com cenas bucólicas e paisagens, em cercaduras polícromas rocaille.

1834 – Extinção do Convento do Espírito Santo; Hasta pública no dia 20 de setembro: o Convento é arrematado por Teresa Bernarda de Jesus por 3.000 reis;

1838, 18 de agosto – Teresa Bernarda de Jesus e seu marido Romão José da Silva, moradores na Travessa da Condessa do Rio, a Santa Catarina, em Lisboa, vendem o Convento e a cerca a José Silveira.

1839, 6 de março – Hasta pública da Igreja do Convento do Espírito Santo, que é adquirida por José Silveira, negociante e proprietário, morador em Benfica.

1853, 3 de março – José Silveira vende a Quinta do Conventinho a António Bernardo da Costa Cabral, primeiro Marquês de Tomar, e a sua mulher D. Luísa. O casal adquire a propriedade para a filha de ambos, D. Luísa, que não casou. José Silveira vendeu também o Casal da Mealhada, contíguo à quinta.

1912 – Era ainda proprietária da Quinta do Conventinho, Luísa Maria da Costa Cabral. Posteriormente, a propriedade é adquirida por João Henrique Ulrich, advogado, vice-governador do BNU e irmão do governador do Banco de Portugal.

1924 – O proprietário da Quinta é José de Almeida e Oliveira, negociante, autointitulado “marquês de Sagres”.

1925, maio – A Quinta é adquirida pelo falsificador de notas Artur Virgílio Alves dos Reis e José Bandeira, do Banco de Angola e Metrópole.

1926 – Compra da quinta por Joseph Gellweiler, num leilão de bens do Banco Angola e Metrópole, após a prisão de Alves dos Reis e José Bandeira;

1964 – Morre Joseph Gellweiler na Quinta do Conventinho. A sua viúva e três filhas herdaram a quinta;

1980 – Os Gellweiler vendem a propriedade a Manuel Dias das Neves, Manuel Conceição Mendes e Firmino Dias das Neves, construtores civis;

1987 – Acordo com a CMLoures, para permuta, mediante autorização do loteamento da Quinta da Caldeira;

1988, 10 de fevereiro – data da escritura: a CM Loures torna-se definitivamente proprietária do imóvel.

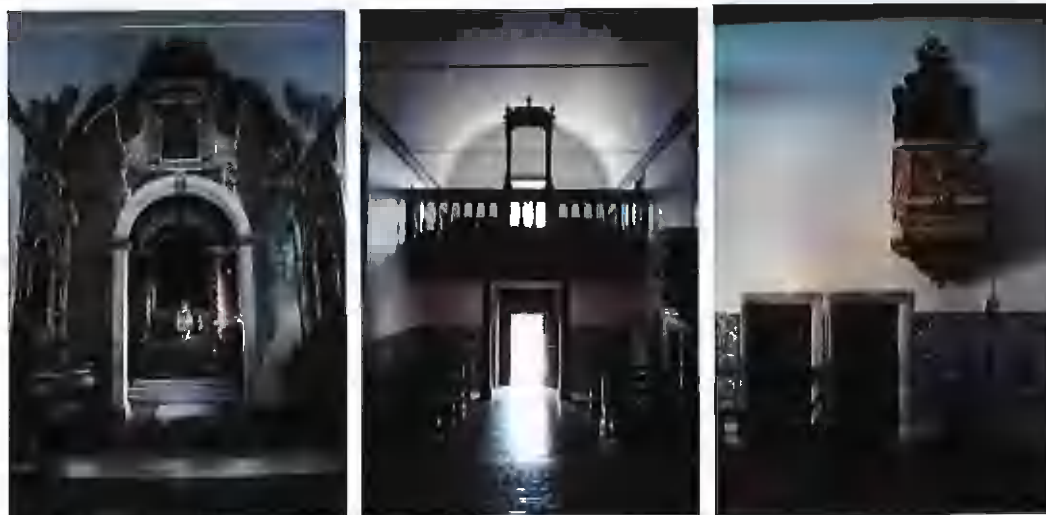


7 CARATERIZAÇÃO ARQUITETÓNICA

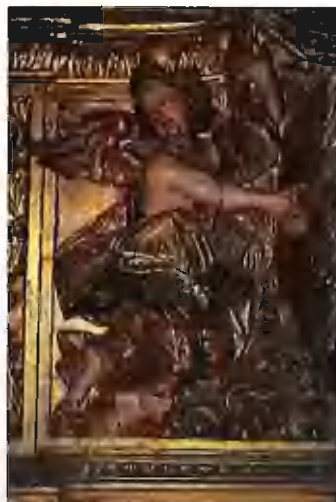
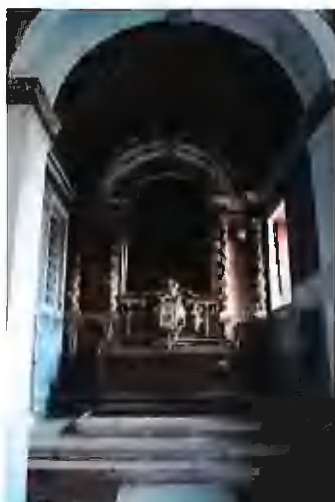
A igreja conventual, de 1573-1575, é precedida de galilé com duas colunas toscanas. Acede-se à mesma a partir do adro, mediante dois degraus de pedra. As colunas sustentam um expressivo entablamento de cornija reta, sobrepujada por uma concha de peregrino, ao centro. As paredes possuem lambris de azulejos de padrão da segunda metade do século XVIII.



Um deles é coroado por decoração azulejar polícroma representando um vaso com um cipreste. No espaço da galilé abrem-se duas portas, a da esquerda de acesso à portaria conventual e a da direita de acesso à antiga hospedaria, primitiva casa dos padroeiros. O espaço de transição entre a galilé e a hospedaria é integralmente revestido a azulejo azul e branco da segunda metade de setecentos. Do pavimento da galilé, subindo três degraus acede-se à igreja, de nave única e capela mor separadas pela parede onde se rasga o arco triunfal. A nave, de abobada de berço, possui um coro alto assente em duas colunas e portas de cantarias boleadas de acesso aos confessionários do lado do evangelho.



A capela mor com seu altar setecentista, acede-se através de um degrau. A banqueta do altar mor é de madeira polícroma, com trono e sacrário barroco em talha dourada. Este último, adossado a um corpo esférico dourado símbolo do mundo, é enquadrado por dois anjos em madeira pintada e de asas douradas e possui na porta, um cordeiro místico deitado no livro dos sete selos do Apocalipse e segurando o estandarte de Cristo e a cruz.



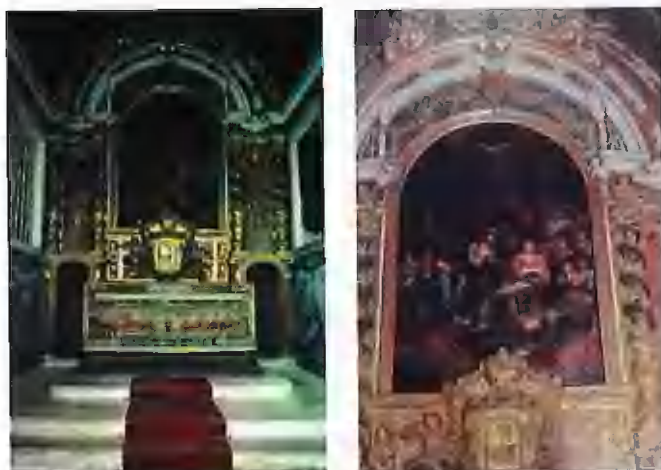
Envolvendo o sacrário, representam-se também em talha dourada a águia, simbolizando São João evangelista e um rosto humano alado, do lado direito, representando o evangelista São Mateus. No topo um leão e um touro alados, símbolos dos evangelistas São Marcos e São Lucas. Na base, três querubins dourados, sendo o conjunto rematado superiormente por uma coroa de onde pende um reposteiro que os dois anjos seguram, abrindo-o.



Por detrás da capela mor encontra-se o camarim, iluminado por pequeno vão. A este acede-se por duas pequenas portas à direita e à esquerda da tribuna, sobrepujadas por dois pares de colunas salomónicas que sustentam a cornija, em saliências e reentrâncias, que serve de imposta ao arco da tribuna e que se prolonga ao longo das paredes laterais de toda a capela mor.



A tribuna do altar exibiu durante muito tempo uma tela do último quartel do século XVII representando o Pentecostes da autoria do pintor régio Bento Coelho da Silveira, hoje guardada no espaço do Museu Municipal e que se pretende seja recolocada no seu local de origem.

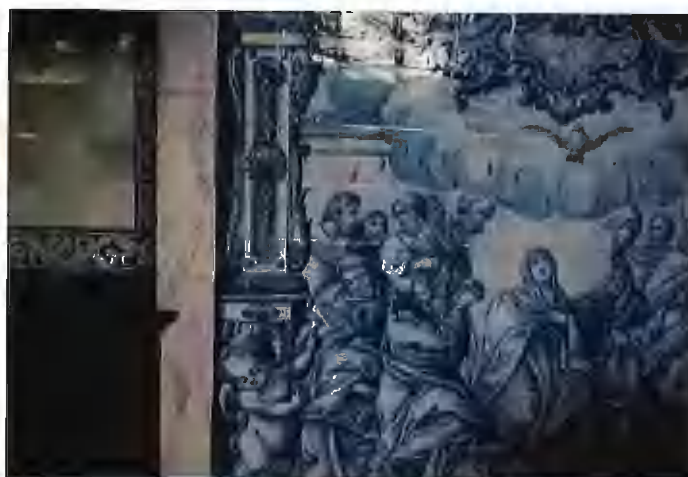
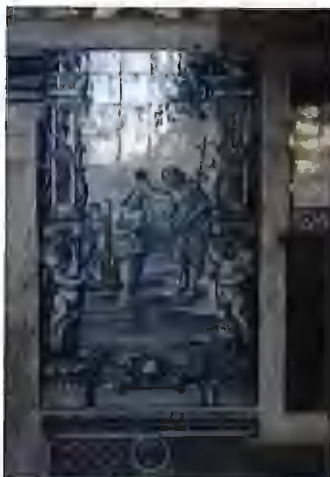


Sobre o arco da tribuna, observa-se ao centro, um querubim e o Espírito Santo com seu resplendor, ladeados por dois anjos, tudo em talha dourada. O teto da capela mor é abobadado e pintado, ao gosto de finais de setecentos, tendo ao centro um medalhão representando o Espírito Santo.

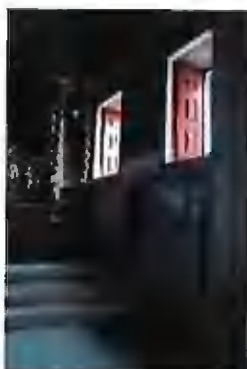




As paredes da capela mor apresentam quatro painéis azulejares historiados a azul e branco, de época joanina, com cenas do novo testamento: o "Batismo" e o "Pentecostes" do lado do Evangelho e a "Tentação" e "Cristo caminhando sobre as águas", do lado da Epístola, separados entre si por dois nichos, com um pequeno armário para alfaia litúrgica, e, no lado oposto, uma prateleira.



Há quatro grandes janelas, sendo cegas as do lado do Evangelho e deitando para o exterior as do lado da Epístola. No intradorso destas últimas, existe pintura mural setecentista, de qualidade.

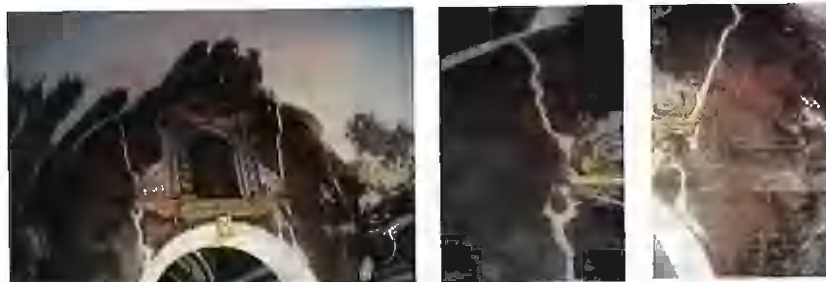




A capela mor tem uma porta, posteriormente fechada que se abria para o exterior, no alçado norte, e, uma porta para um corredor com azulejos de finais do século XVIII e uma pequena pia de água benta, corredor este, que dá acesso à sacristia e ao claustro.



A parede do arco cruzeiro, na face voltada para a nave, possui, enquadrando-o, pintura a fresco de grande qualidade, de quadratura em motivos arquiteturais e de figura, representando as sibilas de Cumas (do lado do Evangelho) e da Eritreia (do lado da Epístola), da autoria do pintor bolonhês Domenico Francia, em 1745. As sibilas ostentam medalhões com inscrições em latim, oráculos alusivos à morte e ressurreição de Cristo. A pintura de arquitetura perspetivada representa duas pilastras suportando fortes mísulas decoradas com cabeças aladas e rematadas por volutas. Estas enquadram um nicho existente sobre o arco cruzeiro, com a representação do Calvário. As duas Sibilas estão sentadas nas volutas e por detrás destas figuras femininas, elementos pictóricos sugerem uma cobertura nervada.



Sob o arco cruzeiro, situa-se a cripta original, do fundador Luís de Castro do Rio e sua família. Os capitéis e a pedra de fecho do arco são em mármore amarelo e vermelho. Sobre a pedra de fecho, exibe-se um medalhão com as cinco chagas de Cristo.

Na cripta, no sarcófago em mármore, de Luís de Castro do Rio e sua família, lê-se a seguinte inscrição (em latim, no original, traduzido por Andreia Almeida in *De Convento a Conventinho*, 2009): *"Enquanto vivi, revolvia no meu pensamento várias diligências. Na verdade, o repouso no sepulcro que estava distante, chegou agora para mim. Se alguma vez aqui vieres, ó leitor, ler esta pedra, nada renuncies, salvo os vermes, ao cadáver inútil. Mais feliz na sombra, o meu cadáver conserva os ossos na terra para a qual virás. Oxalá a alma alcance o céu e usufrua do doce Olimpo. Para tal, nós, por vontade divina, enquanto a vida durava, construímos um templo no qual descansam os nossos restos mortais"*. O teor é extremamente interessante para a



compreensão do contexto mental em que o convento foi produzido, aliando a referência clássica, greco-romana, à ideologia da contra-reforma.

Em ambos os lados da nave, existem dois altares laterais setecentistas, sendo um deles da invocação de Nossa Senhora da Conceição, do lado do Evangelho. A sua fábrica foi paga por Maria Ângela de Aragão, que aí se encontra sepultada. Sobre os altares laterais existe ainda pintura mural, representando *corbeilles* de frutas, grinaldas de flores e querubins.



O pavimento da igreja é em lajes de pedra lioz rosa, no espaço do nártex, sob o coro alto e, no espaço da nave, é em tijoleira. O pavimento junto ao altar mor e as lápides sepulcrais são em lajes calcárias brancas.

Todo o espaço do nártex e da nave se encontra revestido de altos silhares de azulejos de albarradas joaninas, envolvendo uma pia de água benta em pedra, junto à entrada.





Do lado do evangelho existe um púlpito setecentista, de madeira polícroma, e, fronteiro ao mesmo, uma janela gradeada, de comunicação com a antiga casa dos padroeiros.

A igreja é iluminada pela janela do coro alto, construído durante a campanha de obras de 1708, por cima da galilé, e, pelas duas janelas da capela mor (lado da epístola). A sacristia tem pavimento em lajes de pedra e lambris de azulejos com motivos bucólicos e de paisagens de época joanina. Possui um oratório com sacrário e um medalhão representando o Espírito Santo. Cristina da Silva e Luís Sanches de Baena fizeram obras na sacristia e aí foram sepultados, em data anterior a 1728.



A portaria conventual, cujo acesso se faz através da galilé por porta de cantarias boleadas, é em abóbada pintada de brutesco e motivos de plantas e pássaros caraterístico de finais de setecentos e inícios de oitocentos. Tem pintados o emblemas da Ordem Franciscana e uma cartela com dois silícios cruzados. Possui porta de acesso ao claustro.



O claustro é quadrangular, de um só piso, e, possui nos ângulos colunas de secção quadrangular e em cada um dos lados, quatro colunas toscanas, caraterísticas de finais do século XVI, ou inícios do século XVII. As colunas sustentam um entablamento liso. Os corredores do claustro são em abóbada de berço. Ao centro possui tanque circular em pedra. Tem, igualmente, no seu espaço central, plantados dois exemplares arbóreos.



Na segunda metade do século XVIII, as paredes do claustro foram revestidas de lambris de azulejos com motivos bucólicos e paisagem a azul e branco, com cercaduras polícromas rocaille.

A sala do capítulo ocupa a ala sul da quadra. O teto é em abobada de berço e o pavimento em tijoleira. Apresenta, no seu estado atual, paredes com lambris de azulejos da segunda metade do século XVIII, com pintura figurativa a azul e branco, em cercaduras polícromas rocaille, tal como no claustro. Os vãos que se abrem para a antiga cerca, foram bastante alterados, durante a ocupação do convento como casa de residência particular nos séculos XIX e XX.

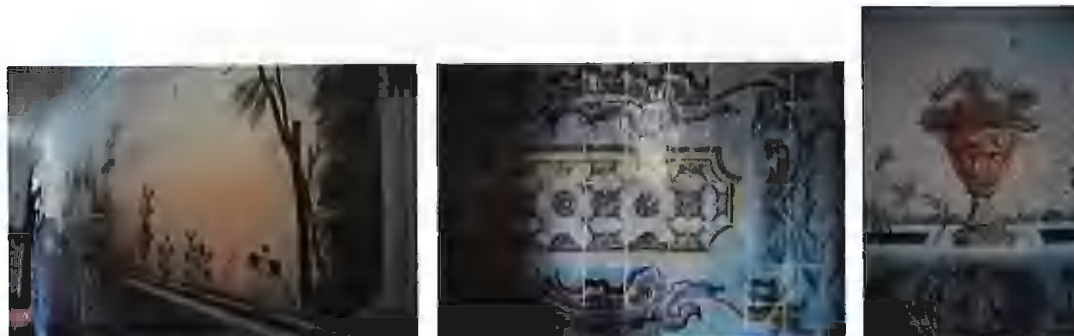


A cozinha situa-se no ângulo sudoeste da quadra. É abobadada. Tem as paredes revestidas por azulejos de padrão polícromos da última década do século XVIII ou já de inícios do século XIX. Possui uma janela ou postigo de ligação ao refeitório.

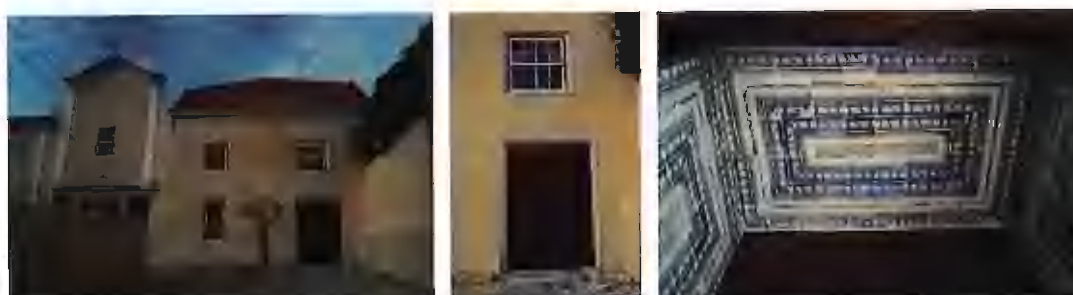




O refeitório é o maior compartimento do tramo Oeste da quadra. Acede-se a partir do claustro. Possui três vãos de porta que se abrem para a cerca, para o muro revestido de alarradas joaninas, que retém o socalco do pomar. O chão está atualmente revestido de tijoleira e o teto é de masseria setecentista. As paredes têm lambris de azulejos policromos de finais do século XVIII, com cercaduras rocaille, e, pintura mural decorativa da primeira metade de oitocentos, com representação de árvores e pássaros. Na parede do lado direito abre-se uma porta para um compartimento de apoio, que poderia funcionar como despensa.



A casa do padroeiro do convento, Luís de Castro do Rio e de seus sucessores, foi posteriormente o espaço da Hospedaria conventual. Foi construída em 1573-1575, e, desde logo, do seu piso principal se abria uma porta lateral de acesso ao miradouro sobre a várzea de Loures. A fachada principal adossada à direita da igreja, possui ao nível do piso térreo porta e janela de cantarias boleadas características de finais de quinhentos, e, ao nível do piso residencial, uma janela de moldura boleada e outra de cantarias de tratamento em várias faces, de tipo renascentista, presente em múltiplos edifícios da segunda metade do século XVI. Ao seu alçado norte encontra-se adossada uma pequena fonte com cascata, pertencente a uma das áreas de estar e de contemplação da antiga cerca conventual.



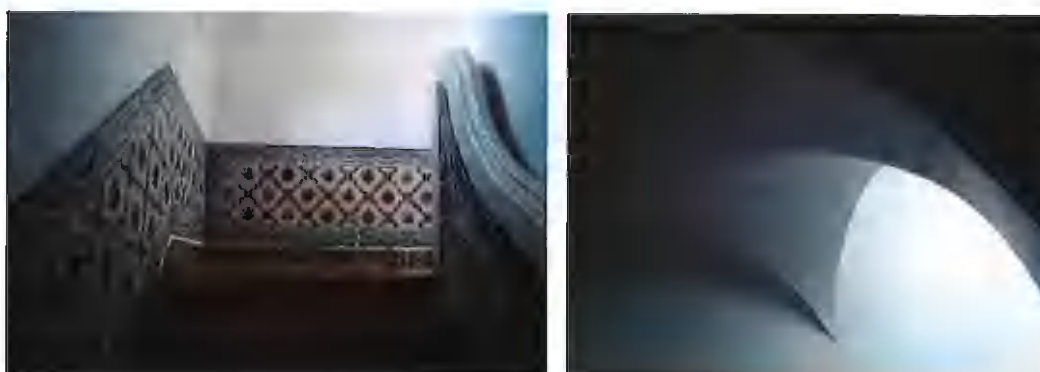
O corpo da Livraria (fora da quadra) e o tramo nascente da quadra, que constitui a fachada principal do convento, foram reconstruídos na campanha de obras levada a cabo no século XVIII. Este alçado apresenta uma grande uniformidade no desenho e na disposição dos vãos. Todas as molduras dos vãos do piso superior têm recorte setecentista, quer as janelas de peito, quer a janela de sacada da livraria. Esta compreendia 1.200 volumes aquando do inventário de extinção do convento em 1834. A porta situada ao centro do alçado nascente dá acesso a uma escada



para um compartimento da quadra aberto para o claustro. Esta escada possui lambris de azulejos de tapete do século XVII. Os compartimentos do piso térreo correspondem a espaços das antigas oficinas conventuais e dependências utilitárias.



No interior do convento, a escada principal de acesso ao primeiro andar é abobadada e possui lambris de azulejos de padrão pombalinos. No primeiro andar, os tetos são em masseira e o pavimento é de soalho. Aqui se localizavam as celas conventuais, encontrando-se alguns destes espaços intactos, com pequenas janelas deitando para o claustro. Vários compartimentos, outrora celas, modificados através dos tempos, possuem janelas de guilhotina deitando para o exterior. Neste piso, a par da livraria, dispunham-se as celas, com acomodação para dezasseis frades e ainda celas para noviços. Atualmente, esta antiga área residencial do convento, tem um fáties setecentista, para o qual contribuem, não só os tetos, mas também as portas com suas bandeiras de vidro.





A cerca conventual, enquanto espaço de produção e de contemplação, mereceu muita atenção por parte dos frades, desde a fundação do convento. A crónica da Província de Santa Maria da Arrábida refere as suas hortas e pomares. O segundo tomo da Crónica refere mesmo a obra de Frei Pacífico da Apresentação (n. 1565 – f. 1631), frade leigo, natural de Santa Iria da Azóia e oficial de pedreiro “com particular distinção dos que exercitavam este ofício”. Frei Pacífico era frequentemente enviado a outros conventos da ordem, que necessitavam dos seus serviços: “como era perito no seu ofício, sempre que os conventos necessitavam de obras, a ele cometiam os Provinciais a delimitação delas, e estudava em não faltar à perfeição quanto permitia o rigor da nossa pobreza, de que foi observantíssimo” (Crónica da Província de Santa Maria da Arrábida, tomo II, 1737, Capítulo VII, 44, p.36). Mais de um século após a sua morte, de acordo com o cronista da ordem, ainda se conservavam obras suas, “a memória do bem que as delineava e perfeição com que as concluíra, especialmente no Convento de Loures”. Aqui desenhou uma ermida da cerca, hoje desaparecida, uma fonte e tanques. Concebeu também Frei Pacífico da Apresentação, um Passeio da Cerca. Assim, em 1734 ainda subsistia a sua obra no Conventinho de Loures.

Foi com base na obra do Passeio da Cerca desenhado por Frei Pacífico que, em inícios do século XVIII e posteriormente, se foram decorando e embelezando, os vários recantos de fresco, com bancos, cascatas, azulejos de albarradas joaninas e de padrão pombalino.

Destes espaços destaca-se a Casa de Fresco ou Fonte do Leão, à qual se acede a partir de alameda situada a poente do edifício conventual. Esta alameda, também designada como Pátio do Leão dirige-se a um primeiro espaço retangular com dois bancos de pedra em forma de L e espaldares de azulejos de albarradas. Aqui abrem-se duas portas de molduras boleadas de finais de quinhentos, inseridas no muro que enquadra um recinto de paredes curvas com o tanque ao centro. Este recinto que possui bancos de pedra e paredes com azulejos de padrão pombalino, é fechado a poente pela casa de fresco, com cascata e bancos de pedra no seu interior. O vão da fachada da Casa de Fresco, com seu arco de volta perfeita, impostas e pedra de fecho saliente, é reproduzido, de modo perspético no seu interior para enquadrar a cascata. As paredes laterais da Casa de Fresco possuem painéis azulejares de albarradas joaninas, sobre bancos corridos de pedra. Sobre estes painéis e já no arranque da abóbada, a decoração é de embrechados de conchas, pedrinhas e fragmentos de porcelana chinesa, envolvendo duas carrancas moldadas em alto relevo. Todo o espaço do conjunto é pavimentado com grandes lajes de pedra



De grande importância patrimonial são, pois, os elementos da primitiva estrutura hidráulica, dos quais se destacam o tanque central, de grandes dimensões (20mx2,5m) em lajes de pedra. O tanque sul, com as mesmas dimensões do tanque central, com lajes de pedra no fundo e no capeamento superior, possui na sua contiguidade um recanto de estar e “de fresco”. Esta área de interesse patrimonial situa-se no extremo sul do principal eixo perspetivo da cerca, com orientação Norte -Sul. A parede sul, deste espaço, tem adossado um tanque de pedra de uma só peça, para onde escorre a água de uma cascata em nicho enquadrado por arco de volta perfeita, decorado com embrechados a duas cores, e ladeado por dois painéis, também de embrechados, de conchas e loiça chinesa. Nas duas paredes que enquadram este espaço existem bancos de pedra, sobrepujados de painéis de azulejos de albarradas joaninas.





A terceira área “de fresco” da cerca conventual situa-se a norte, junto à antiga hospedaria conventual. É pontuada por duas pequenas cascatas, em nicho, situadas frente a frente, deitando originalmente água para dois pequenos tanques interligados, e, com laje de pedra ao centro, para passagem pedonal. Um dos nichos está adossado à parede da antiga hospedaria conventual e o outro ao muro norte da cerca. Em ambas as paredes, junto aos nichos, do lado poente, há dois bancos corridos, capeados a pedra e situados frente a frente. São revestidos a azulejo setecentista de figura avulsa e cercaduras a azul e branco. A esta área, segue-se um percurso, originalmente sob pérgula, com vários bancos e conversadeiras e que se dirige ao Miradouro, conhecido também como Mirante da Boa Vista.





Este mirante, referido já na Crónica da Província de Santa Maria da Arrábida, como sendo uma área construída, na continuidade da Casa dos Padroeiros, pelo fundador, como espaço de lazer e contemplação da várzea, foi sendo sucessivamente reutilizado ao longo de toda a época conventual. As paredes e muretes que envolvem o miradouro possuem bancos de pedra e conversadeiras. O espaldar do banco adossado à parede norte possui painel de azulejos de albarradas joanino. Os muretes e conversadeiras são revestidos a azulejo de padrão pombalino. O percurso da cerca, e as várias zonas de estar associadas, possuem, em muitos pontos, suportes em pedra para uma pérgula, onde existiriam antigas latadas, de sombreamento.

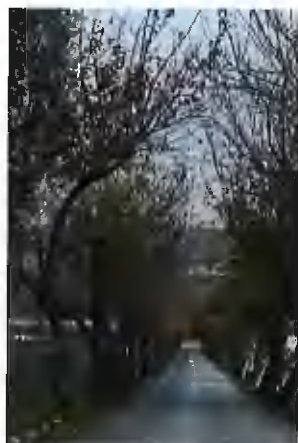


A par dos elementos descritos, existem ainda na cerca conventual, outras fontes, tanques ou bicas mais pequenas pertencentes à estrutura hidráulica de rega, algumas possuindo painéis de azulejo associados. São visíveis algumas caleiras condutoras de água, a céu aberto. A cerca possuía água nativa, vinda por aqueduto de uma nascente próxima, a Sul.

Tem também interesse paisagístico, o mirante situado no ângulo noroeste da cerca, bem como o pombal setecentista, rodeado de olival, em razoável estado de conservação.



Igualmente interessante é a Alameda das Amoreiras que articula o portão de entrada na cerca conventual com a Estrada Nacional 8. Algumas das amoreiras são centenárias. O portão dá acesso a um pátio de entrada, com o edifício da portaria (provavelmente, edificado após a extinção do convento, em 1834) e o edifício de apoio, provavelmente estábulo ou cavalariças, na sua origem. Deste espaço acede-se à praça principal, com as entradas para o edifício conventual e, num patamar mais elevado, à igreja e à hospedaria.





BIBLIOGRAFIA

CM Loures, *De Convento a Conventinho: biografia de Um Espaço*, Catálogo da Exposição, Museu municipal de Loures, 2009;

CMLoures, 2018. Relatório E Programa Base Para A Reabilitação Dos Arranjos Exteriores Do Museu Municipal De Loures – Quinta Do Conventinho. Relatório De Análise, Diagnóstico E Programa Base;

CMLoures. Estudo Preliminar de Avaliação da Aptidão Urbanística da Área Envolvente à Quinta do Conventinho.

Cardoso, Jorge, *Agiológio Lusitano*, Tomo II, Lisboa, Oficina de Henrique Valente de Oliveira, 1657, pp.271-272;

Castro, João Baptista, *Mappa de Portugal*, Tomo II e Tomo III, Lisboa, Oficina Patriarcal Francisco Luís Ameno, 1763, pp. 56-57 (Tomo II) e p. 472 (Tomo III);

Costa, António Carvalho da *Chorographia Portuguesa*, Tomo III, Lisboa, Oficina Real Deslandesiana, 1712, pp. 614-615;

Gomes, J. Pinharanda, *Santo António dos Cavaleiros*, Monografia Histórica, Paróquia de Santo António dos Cavaleiros, Loures, 1992;

Leal, Augusto Pinho, *Portugal Antigo e Moderno*, vol. 4, Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira e Companhia, 1874, p. 520;

Leal, J. da Silva Mendes, *Admirável Igreja Matriz de Loures*, Lisboa, 1909.

Maria, Frei José Jesus de Espelho de Penitentes e *Chronica da Província de santa Maria da Arrábida*, Tomo II, Lisboa, 1737;

Mendonça, Isabel Mayer Godinho, *Domenico Francia: um artista bolonhês no Portugal joanino* in *Actas do VII Colóquio Luso Brasileiro de História da Arte, Artistas, Artífices e sua Mobilidade no Mundo de Expressão Portuguesa* Porto, 2005

Piedade, Frei António, *Espelho de Penitentes e Chronica da Província de Santa Maria da Arrábida*, Tomo I, Lisboa, Oficina de Joseph António da Silva, 1728;

Proença, Pe. Álvaro, *Subsídios para a História do Concelho de Loures*, vol. I (Loures), Lisboa, 1940;

Serrão, Vítor e Meco, José, *Palmela Histórico-Artística, Um Inventário do Património artístico do Concelho*, Lisboa/Palmela, Edições Colibri/CM Palmela, 2007, pp.283-284;

Documentação

ANTT, Chancelaria de D. Sebastião, Livro 2 de Privilégios, fl. 124;

ANTT, Chancelaria de Filipe III, Livro 4 de Privilégios, fl. 146 e 146 vº;



ANTT, Ministério das Finanças, Convento do Espírito Santo de Loures (Inventário de Extinção, 1834), Cx. 2235;

ANTT, Carta. Ordinária de 60.000 rs na folha dos mestres régios para uma cadeira de gramática latina, sendo 20.000 rs para Fernando Manuel de São Tomé, Registo Geral de Mercês, Mercês de D. Maria I, Livro 4, fl. 207 v^a

ANTT, Carta. Ordinária de 40.000 reis na folha dos Mestres Régios para uma Escola de Ler, Escrever e Contar no Convento do Espírito Santo de Loures, 1779, Mercês de D. Maria I, Livro 4, fl. 207 v^a

ANTT, Alvará. Esmola de 15 arráteis de pimenta, 6 de cravo, 10 de canela, 4 de gengibre e 5 de malagueta, na Casa da Índia, 1788, Mercês de D. Maria I, Livro 4, fl. 239 v^a

ANTT, Alvará. 15 arrobas de pimenta e 6 de cravo em esmola, 1788, Mercês de D. Maria I, Livro 4, fl. 273;

ANTT, 20.000 reis anuais para o professor de latim no Convento do Espírito Santo de Loures, 1779, Mercês de D. Maria I, Livro 4, fl. 43 v^a;

ANTT, 20.000 reis anuais para outra escola no Convento do Espírito Santo de Loures, Mercês de D. Maria I, Livro 4, fl. 43 v^a;

Documentação administrativa:

CMLoures, Processo DPU nº 23.494



ANEXO - REGISTO FOTOGRÁFICO

ENQUADRAMENTO



Vista a partir de Sudeste



Vista a partir de Sudeste



Vista a partir de Sul



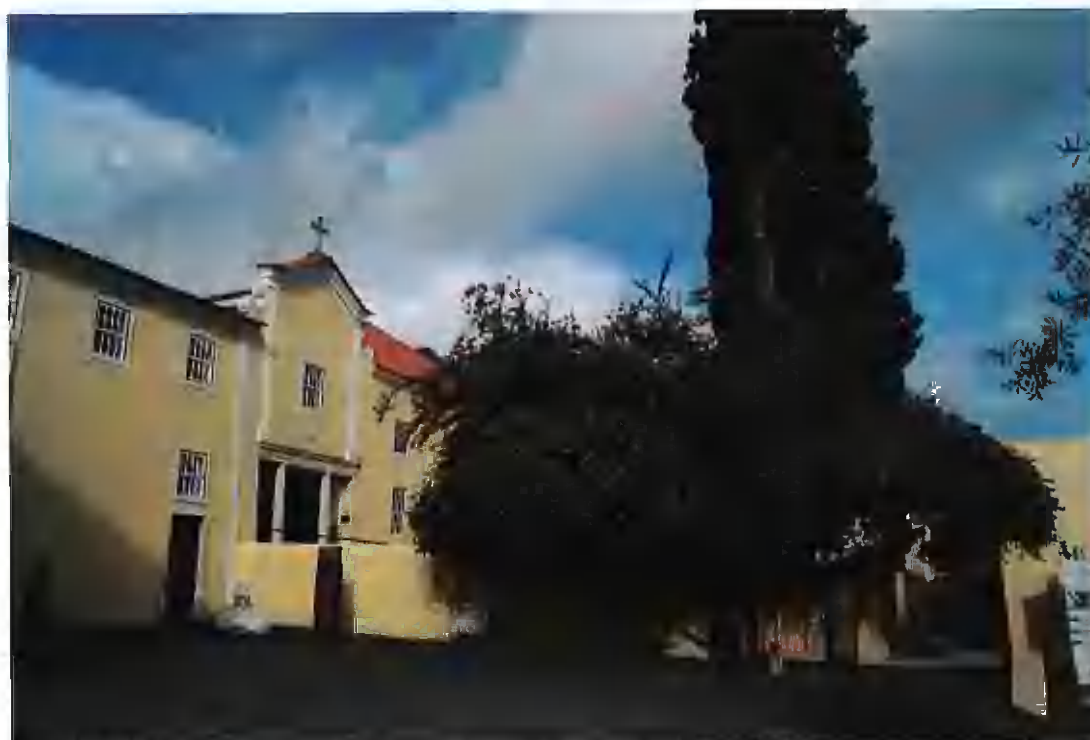
Vista a partir de Sul



EXTERIOR DO CONVENTO



Fachada nascente



Fachada nascente e igreja



Igreja



Galilé



Galilé: colunas toscanas



Pormenor da cornija



Galilé: pormenor da cornija e coluna



Galilé: porta da igreja



Galilé: acesso à portaria conventual; porta de cantarias boleadas



Fachada nascente e corpo da livraria conventual



Hospedaria conventual

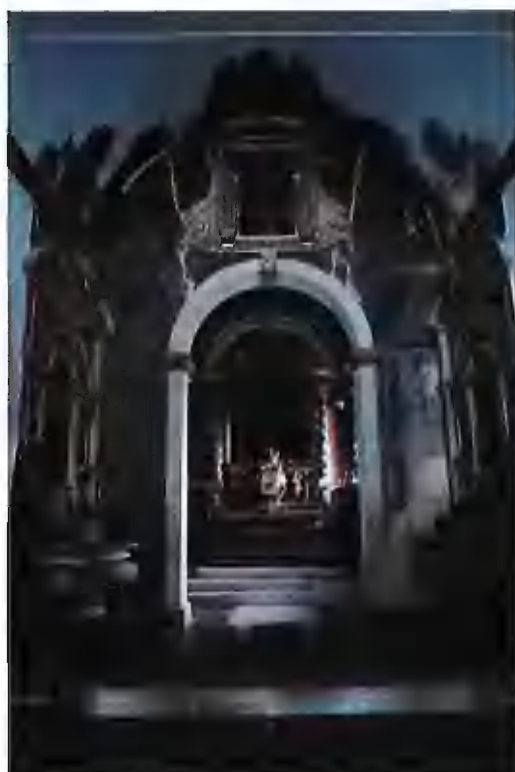


Hospedaria conventual: cantarias

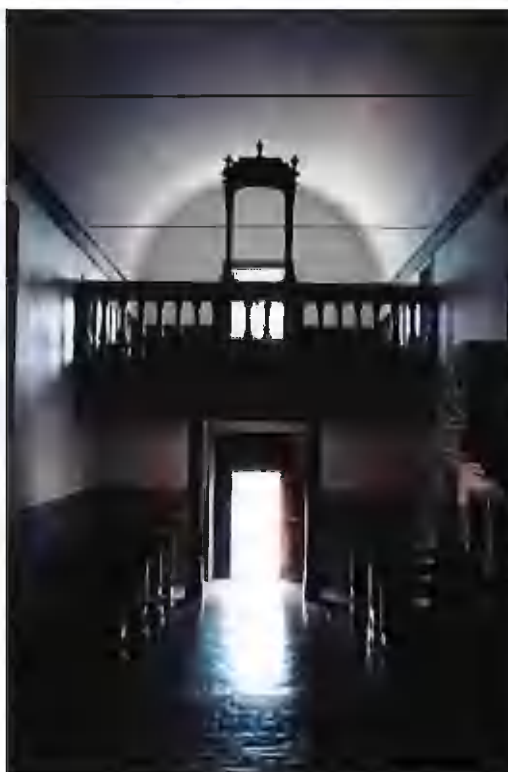


Hospedaria: intradorso da porta principal

IGREJA: INTERIOR



Nave e arco cruzeiro



Nave e coro alto



Nave: pia e azulejos de albarradas joaninas



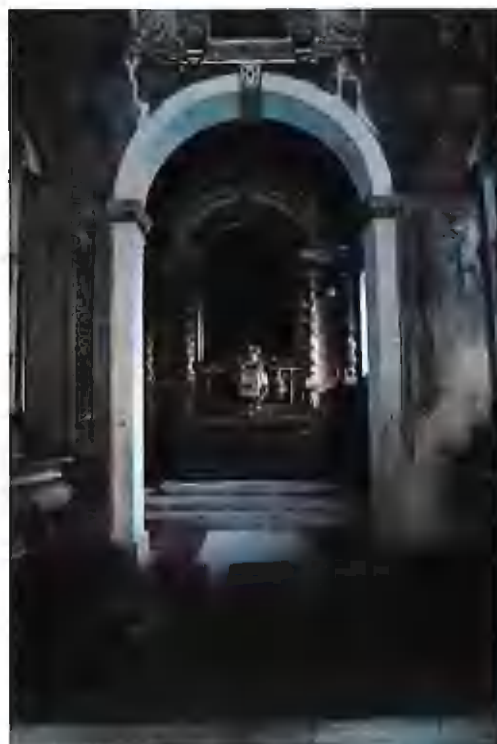
Nave: portas dos confessionários e púlpito



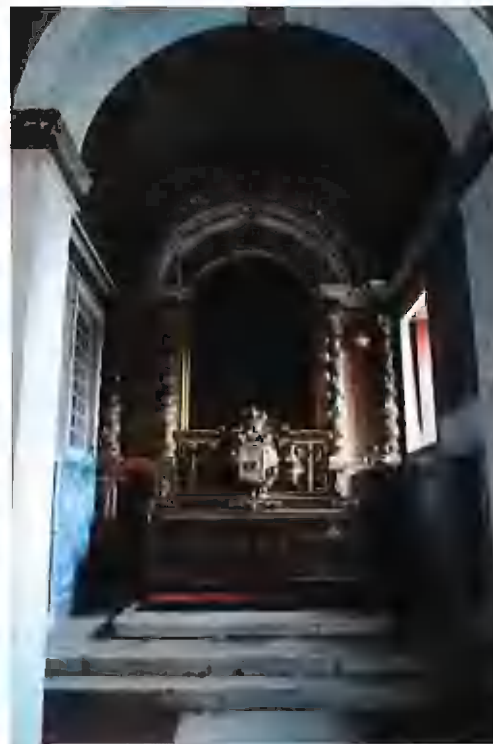
Parmenor do arco: mármore policromos



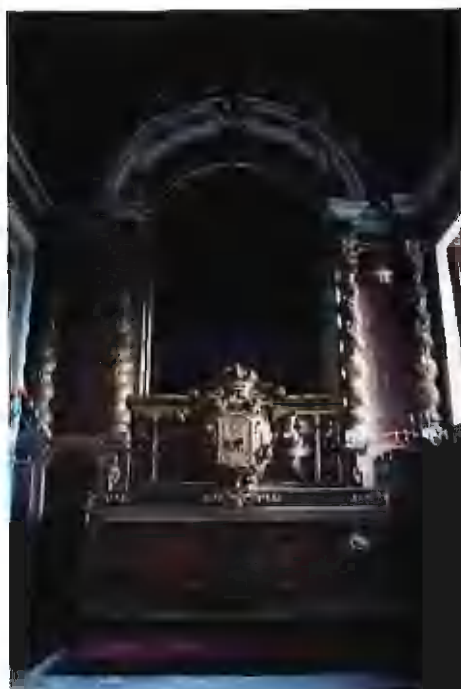
Nave: altar lateral (lado da Epístola)



Arco e Capela Mor



Capela Mor



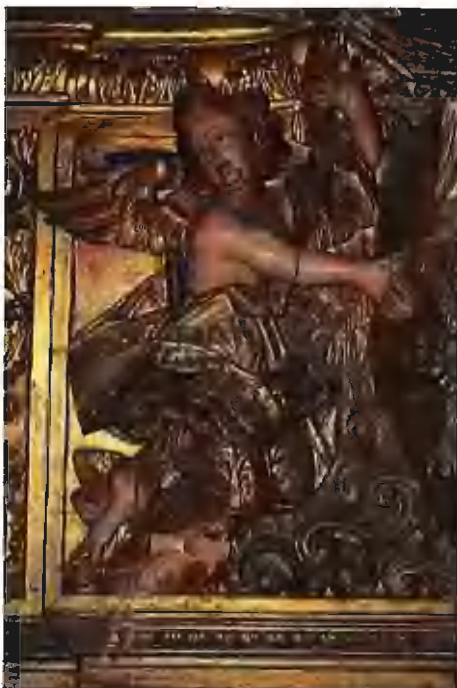
Altar Mor



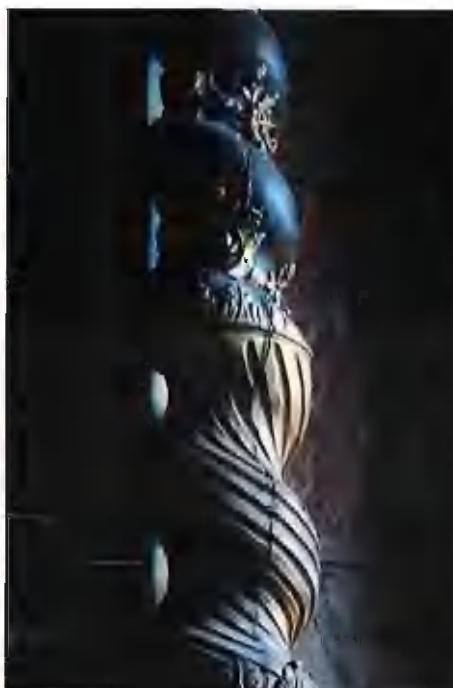
Altar Mor: pormenor do arco



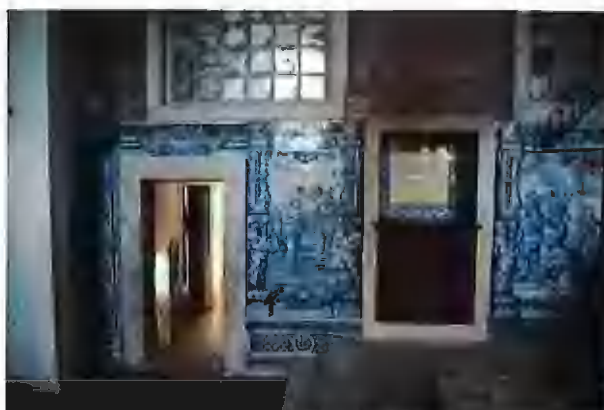
Altar-Mor: sacrário



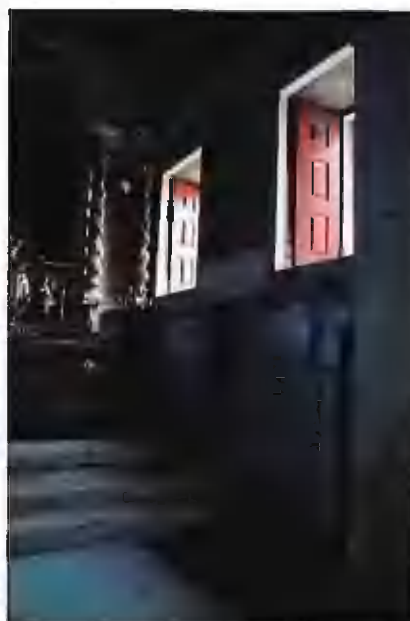
Altar Mor: pormenor da sacrário



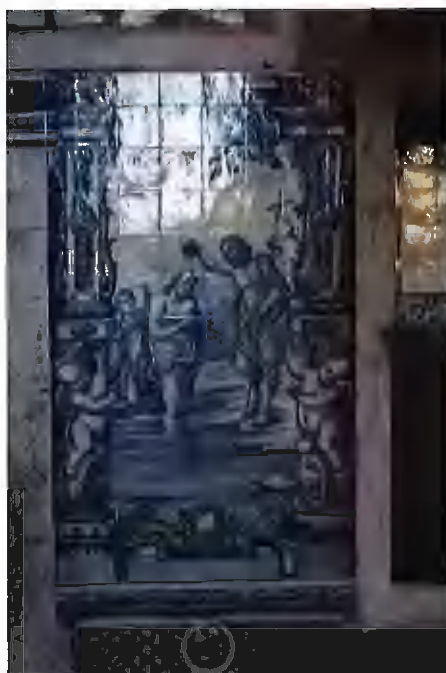
Altar Mor: pormenor de coluna



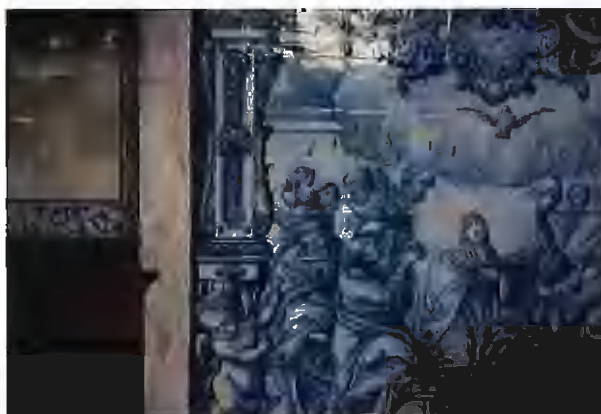
Capela Mor: lado da Evangelho



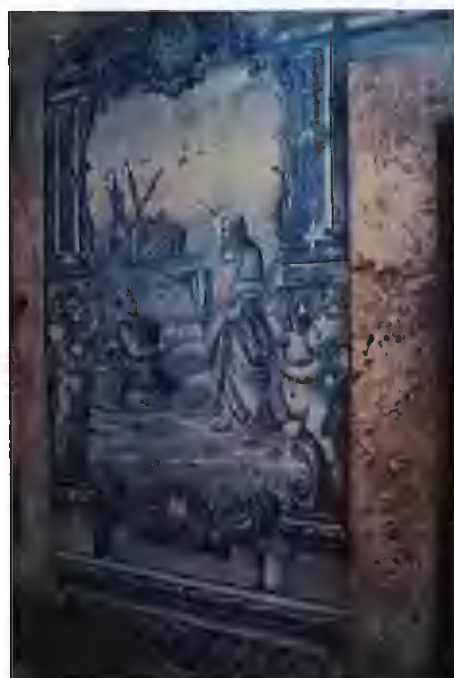
Capela Mor: lado da Epístola



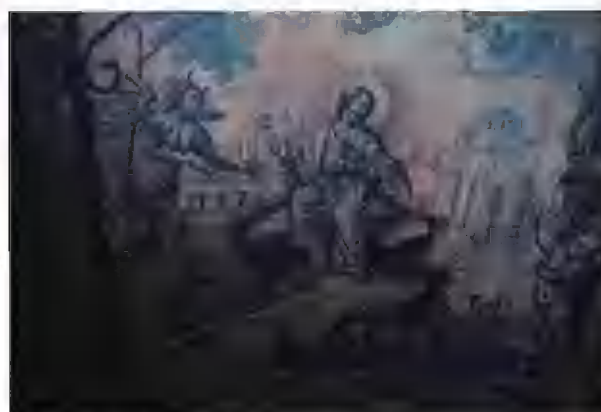
Painel de azulejos: Baptismo



Painel de azulejos: Pentecostes



Painel de azulejos: Cristo caminhando sobre as águas



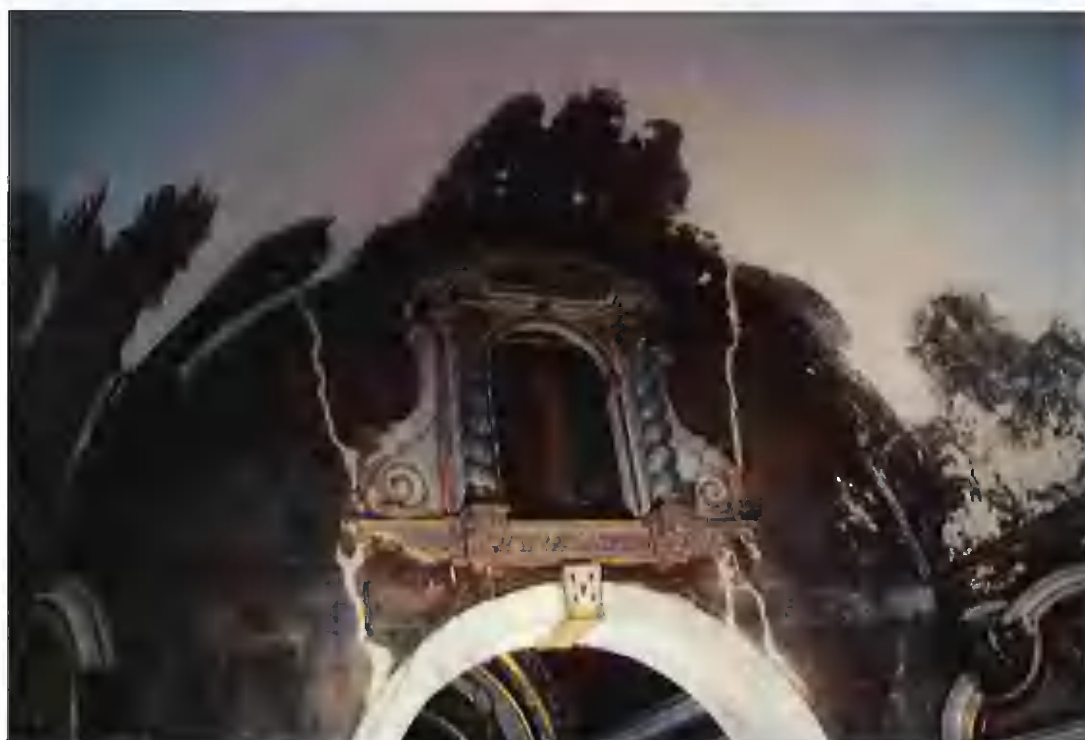
Painel de azulejos: a tentação



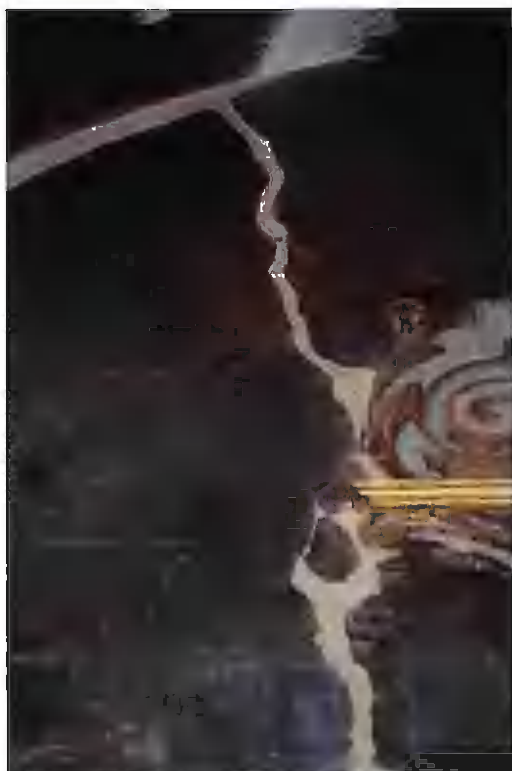
Capela mor: intradorso de janela pintado



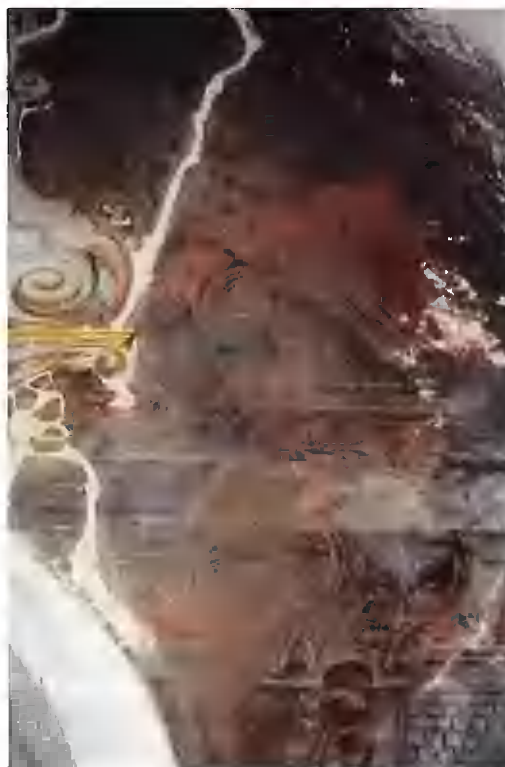
Nicho sobre o arco cruzeiro



Parede do arco cruzeiro: pintura mural de Domenico Francia



Pintura mural da parede do arco: pormenor



Pintura mural da parede do arco: pormenor



Nave: pintura mural do lado do Evangelho

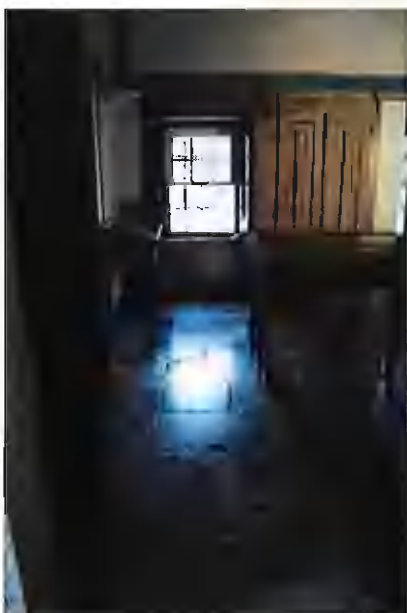


Capela mor: pintura de Bento Coelho da Silveira



O Pentecostes de Bento Coelho da Silveira

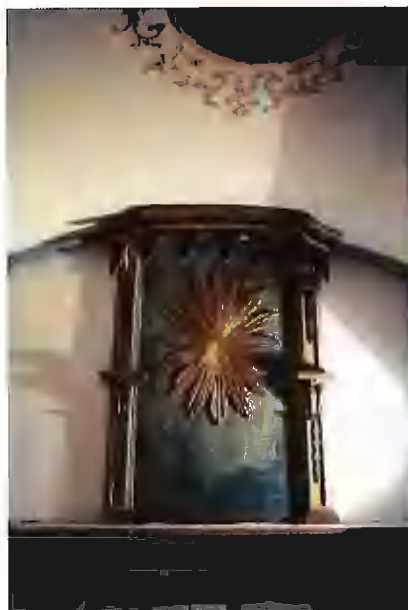
SACRISTIA



Pavimento e janela para poente



Painel de azulejos



Sacrário



Corredor de ligação entre a sacristia e a igreja

CLAUSTRO



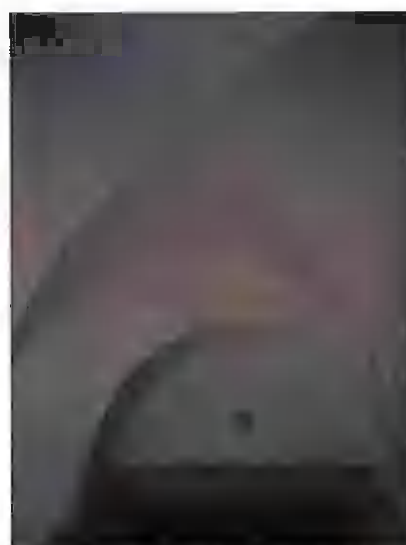
Claustro: aspeto geral



Claustro: vista a partir do piso superior



Claustro: pormenor



Claustro: pormenor da abóbada



Claustro: pormenor da azulejaria



Escada de ligação entre o exterior do edifício e o claustro



PORTARIA CONVENTUAL



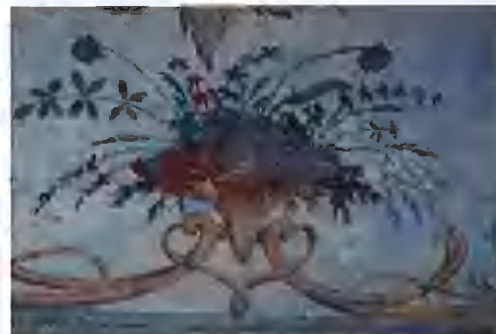
Abóbada pintada



Abóbada: emblema franciscano



Abóbada: dois silícios cruzados

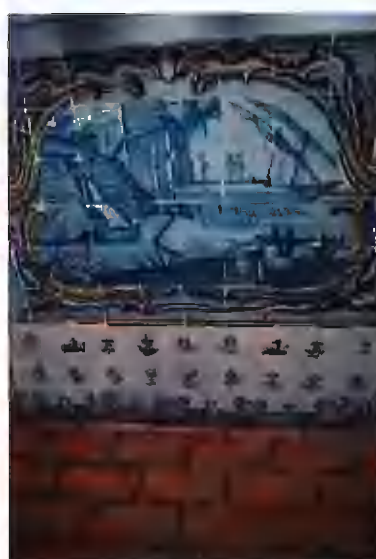


Abóbada: pormenor de pintura mural

SALA DO CAPÍTULO



Aspeto geral da sala



Painel de azulejos



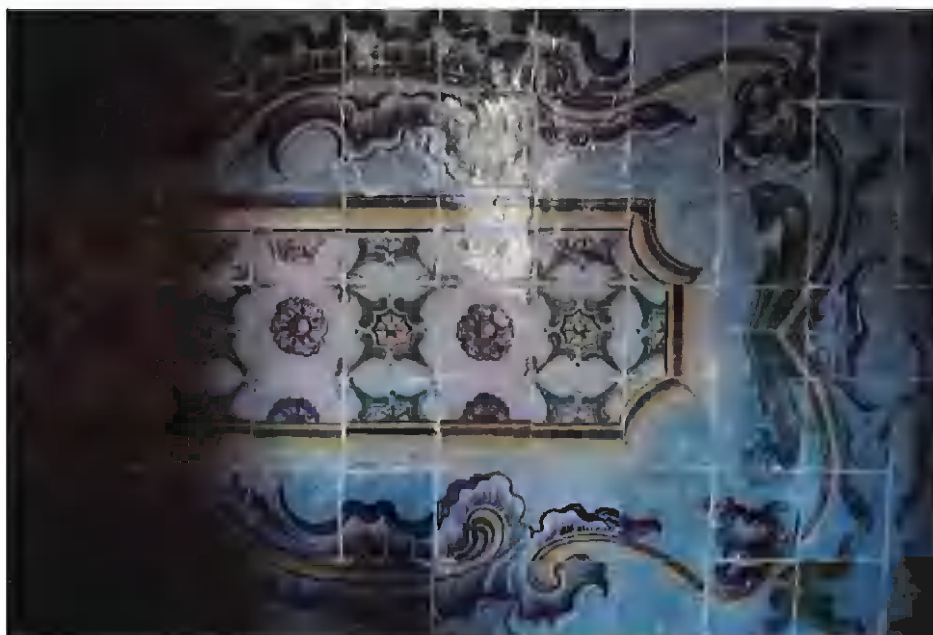
REFEITÓRIO



Pintura mural oitocentista



Pintura mural: pormenor



Pormenor da azulejaria



COZINHA



Abóbada



Arco e parede



Pormenor da azulejaria

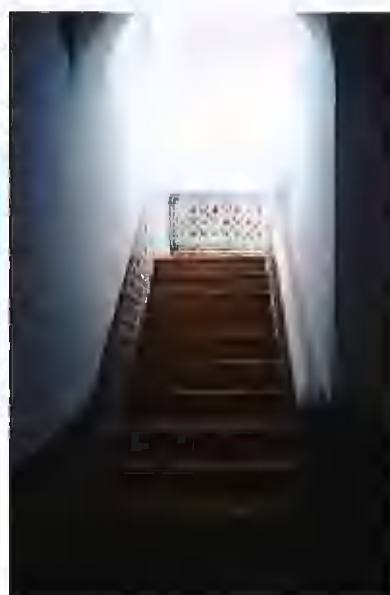


Postigo de comunicação com o refeitório

PRIMEIRO ANDAR – CELAS



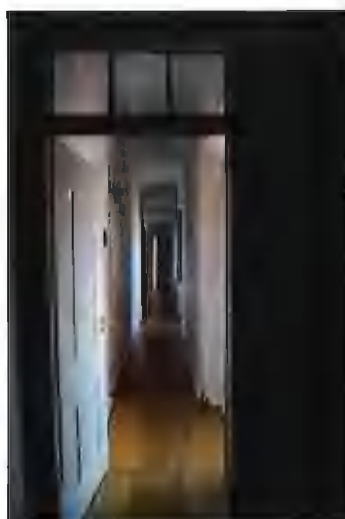
Escada de acesso ao 1º andar



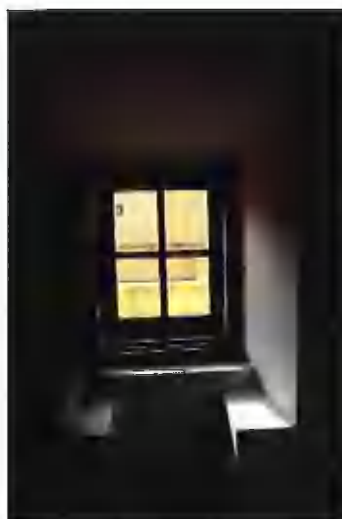
Escada: lambris de azulejos de padrão pombalino



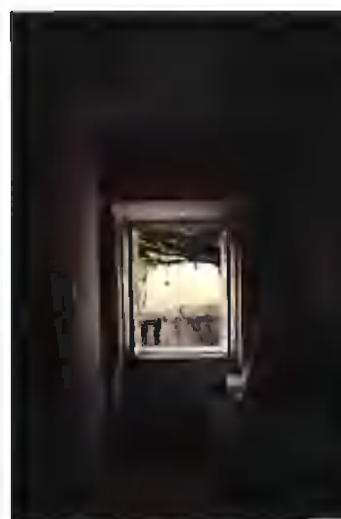
Abóbada da escada de acesso ao primeiro andar: pormenor



Primeiro andar: corredor



Cela virada para o claustro



Cela virada para a cerca



CERCA CONVENTUAL



Alameda da Casa de Fresco



Casa de Fresco



Casa de Fresco: interior



Casa de Fresco: pormenor do arco e embrechados



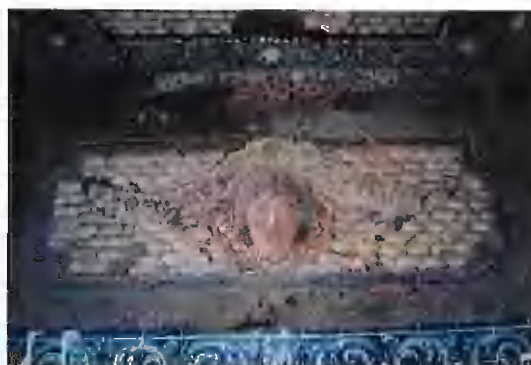
Tanque da Casa de Fresco



Casa de Fresco: embrechados



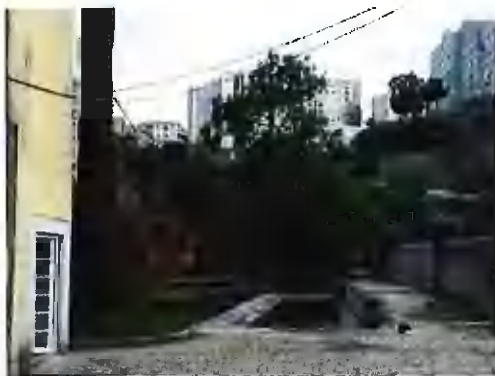
Casa de fresco: carranca e embrechados



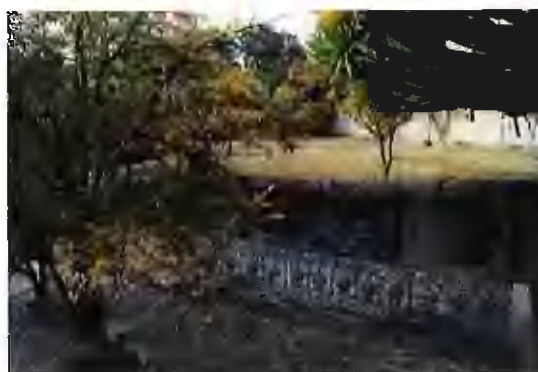
Casa de fresco: carranca e embrechados



Casa de Fresco: embrechados



Tanque central no eixo Norte-Sul



Eixo Norte-Sul: banco com alarradas



Eixo Norte-Sul: banco com alarradas



Área de estar e contemplação a Sul



Área de estar Sul: fonte



Área de estar Sul: pormenor dos embrechados



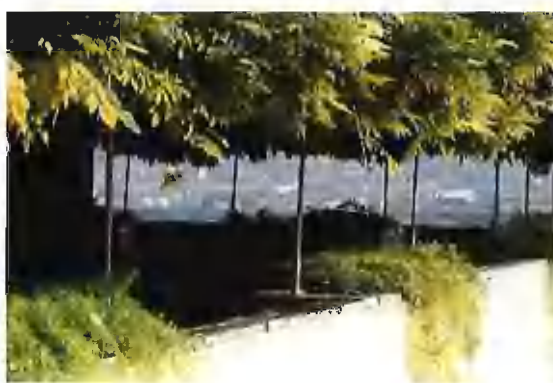
Área de estar Sul: embrechados



Área de estar norte: fonte no muro da cerca Norte



Área de estar norte: fonte na parede



Miradouro Noroeste



Miradouro: azulejos e conversadeiras



Pomar e pombal ao fundo



Laranjal



Olival e pombal



Alameda das Amoreiras, articulando a Quinta com a Estrada Nacional

A – REQUERIMENTO INICIAL DO PROCEDIMENTO DE CLASSIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

* Campos de preenchimento obrigatório

1. IDENTIFICAÇÃO*

1.1. Património Arquitectónico ☒ Património Arqueológico ☐ Património Misto ☐

1.2. Designação/Nome: QUINTA DO CONVENTINHO

1.3. Outras Designações: CONVENTO DO ESPÍRITO SANTO

1.4. Local/Endereço: QUINTA DO CONVENTINHO EN 8, KM 4.3 2670-492 LOURES

Localidade: STº. ANTÓNIO DOS CAVALEIROS Freguesia: UNIÃO FREGUESIAS FRIELAS E STº. ANTÓNIO DOS CAVALEIROS

Concelho: LOURES Distrito: LISBOA

1.5. Código Nacional de Sítio (CNS): N/SE APLICA (No caso de se tratar de património arqueológico)

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Função Original: CONVENTO DE FRANCISCANOS ARRA'BIDOS

2.2. Função Actual: MUSEU E CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

2.3. Enquadramento: A QUINTA ESTÁ IMPLANTADA NA ENCOSTA DA MEALHADA. TEM ACESSO A PARTIR DA EN 8. PARA NASCENTE DA EN 8 SITUA-SE A VARZEA DE LOURES DE EVADO VALOR AMBIENTAL E IMPORTÂNCIA AGRÍCOLA. NA ENVOLENTE DA ENCOSTA AINDA SE PRÁTICA AGRICULTURA E PASTORÍCIA, ENTRE ZONAS DE EXPANSÃO URBANA.

2.4. Descrição Geral: * CONSTRUÍDO NA DÉCADA DE 1570, PROFUNDAMENTE REFORMADO EM 1646

E RECEBENDO OBRAS IMPORTANTES EM 1708-1709, O CONVENTO MANTÉM A QUADRA EM TORNO DE UM CLAUSTRO MANEIRISTA DE COLUNAS TOSCANAS. DESTACA-SE A IGREJA COM SUA GALILÉ.

NO INTERIOR DESTA, OS PAINÉIS DE AZULEJOS BÍBLICOS SETECENTISTAS, O ALTAR-MOR BARROCO E A PINTURA MURAL NA PAREDE DO ORIO TRIUNFAL.

2.5. Estado de Conservação: O ESTADO DE CONSERVAÇÃO É, NA GENERALIDADE, BOM. EXISTEM ALGUMAS PATOLOGIAS DESCRITAS NO DOSSIER ANEXO.

MB B R M R

Paredes ☐ ☒ ☐ ☐ ☐

Pavimentos ☐ ☒ ☐ ☐ ☐

Coberturas ☐ ☒ ☐ ☐ ☐

Outros ☐ ☐ ☐ ☐ ☐

MB – Muito Bom; B – Bom; – R – Razoável; M – Mau; R – Ruína

2.6. Espólio: NÃO SE APLICA2.7. Depositário do espólio/materiais: NÃO SE APLICA

3. SITUAÇÃO DA PROPRIEDADE (obrigatório apenas quando o proponente for o proprietário)*

3.1. Proprietário: CÂMARA MUNICIPAL DE LOURESEndereço: PRAÇA DA LIBERDADE 2674 - 501 LOURES3.2. Artigo Matricial: -

4. OBSERVAÇÕES

4.1. Intervenções previstas: REABILITAÇÃO DOS ESPAÇOS EXTERIORES4.2. Pessoas/entidades que possam dar informações: CM LOURES: MANUEL VILHAVERDE (DPGU), FERNANDA FERREIRA (DPGU/DPV), ANA RAQUEL SILVA (DCD7/DC)4.3. Restrições à divulgação da informação: NÃO HÁ

5. OUTRAS PROTECÇÕES (caso existam)

5.1. Classificação: NÃO5.2. ZEP: NÃO5.3. Instrumentos de gestão territorial (Dec-Lei n.º 380/99, de 22 de Setembro, alterado e republicado pelo Dec-Lei n.º 310/03, de 10 de Dezembro) PDM LOURES:- ORDENAMENTO: CORTA DA ESTRUTURA PATRIMONIAL- VALOR ISOLADO: VI 186 - QUINTA DO CONVENTINHO- VALOR COM INTERESSE PAISAGÍSTICO: Q 77 - QUINTA COM INTERESSE PAISAGÍSTICO E DE RECREIO - QUINTA DO CONVENTINHO- ÁREA COM VALOR ARQUEOLÓGICO: A 183- CONDICIONANTES: ESTRUTURA ECOLÓGICA MUNICIPAL - ÁREAS VITAIS.

6. CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICO-ARTÍSTICA

6.1. Época(s) construtiva(s): 1573-1575 - CONSTRUÇÃO INICIAL DO CONVENTO; 1646 - PROFUNDA CAMPANHA DE OBRAS; 1708-1709 - HOUE CAMPANHA DE OBRAS.

6.2. Síntese histórica: A CONSTRUÇÃO DO CONVENTO DEU ORDEM ENTRE 1573 E 1575, DEVENDO SER ENTENDIDA NO CONTEXTO DA REFORMA DA ORDEM FRANCISCANA NUM IDEAL DE RETORNO A PRINCÍPIOS DE ASCETISMO E SIMPLICIDADE. LUÍS DE CASTRO DO RIO, MERCADOR NOBILITADO EM 1561 FOI O SEU FUNDADOR E PADROEIRO. HOUE PROFUNDA CAMPANHA DE OBRAS EM 1646, REEDIFICANDO-SE OS COMPARTIMENTOS DA QUADRA E UMA NOVA CAMPANHA EM 1708-1709, CONFERINDO UM RENOVADO FACES AO ALGADO NASCENTE.

7. CARACTERIZAÇÃO ARQUITECTÓNICA A QUADRA CONVENTUAL, EM TORNO DE UM CLUSTRO DE COLUMAS TOSCANAS, INCLUI SACRISTIA, PORTARIA, SALA DO CAPÍTULO, REFEITÓRIO E COZINHA, TODOS ESTES ESPAÇOS POSSUINDO QUER ELEMENTOS ARQUITETÓNICOS QUER SILHABETS DE AZULEJOS SETECENTISTAS. A IGREJA, PRECEDIDA DE GALILÉ DE COLUMAS TOSCANAS, É COMPOSTA POR NAVE E CAPÉTA-MOR, ONDE SE DESTACAM OS PAINÉIS AZULEJARES DE TEMAS BÍBLICOS, O ALTA-MOR BARRUCCO E A PINTURA MURAL DO ARCO TRIUNFAL.

8. CARACTERIZAÇÃO ARQUEOLÓGICA

8.1. Tipo de sítio: NÃO SE APLICA

8.2. Período cronológico: NÃO SE APLICA

9. BIBLIOGRAFIA

- CM LOURDES, DE CONVENTO A CONVENTINHO: BIOGRAFIA EM UM ESPAÇO, CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO, ^{MUSEU MUNICIPAL, 2009.}
- CASTRO, JOÃO BATISTA, MAPA DE PORTUGAL, TOMO II E TOMO III, LISBOA, OFICINA PATRIARCA, 1763.
- MARIA, FREI JOSÉ JESUS DE, ESPELHO DE PENITENTES E CRÓNICA DA PROVÍNCIA DE SÃO MARIA DA ARRABIDA, T.2, 1737
- MENDONÇA, ISABEL MAYER GODINHO, DOMENICO FRANCES: UM ARTISTA BOLONHÊS EM PORTUGAL, TOMO I, IN ACTA DO VII COLÓQUIO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DE ARTE, PORTO, 2005
- PIEDADE, FREI ANTÓNIO, ESPELHO DE PENITENTES E CRÓNICA DA PROVÍNCIA DE SÃO MARIA DA ARRABIDA, TOMO I, LISBOA, 1728.

10. ELEMENTOS CARTOGRÁFICOS E FOTOGRÁFICOS (anexos)*

Planta de localização com o imóvel assinalado

Escala: 1:2000 ☒ 1:5000 ☐ 1:25000 ☐

Documentação fotográfica

Interior ☒ Exterior ☒ Envolvente ☒

X	Y	Z	Datum	Projecção
- 89291,4	-93715,67		ETRS 89	TRANS. MERCATOR
				PT - IM06

Longitude	Latitude	Altitude	Datum	Projecção

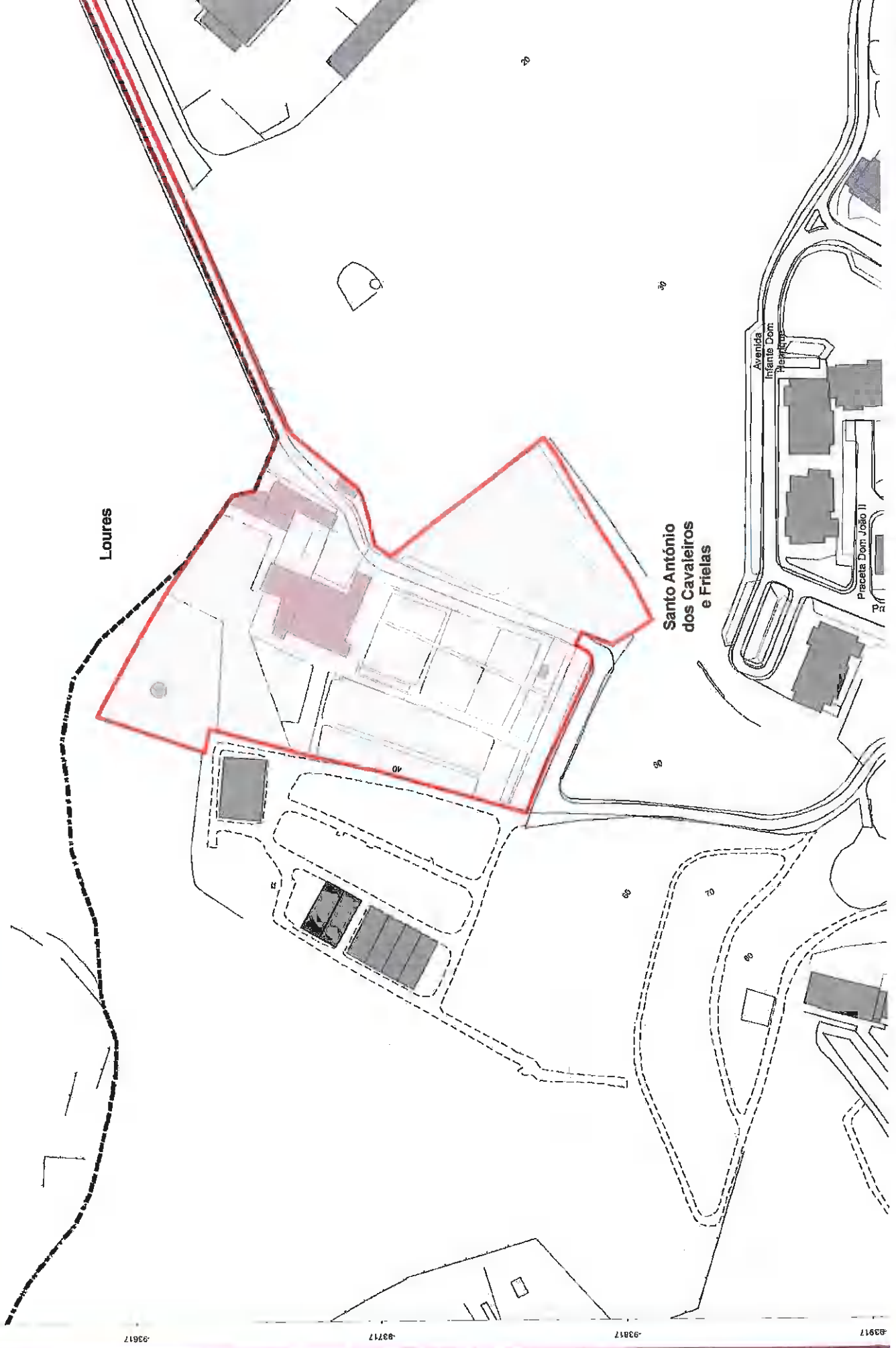
11. IDENTIFICAÇÃO DO PROPONENTE*

11.1. Proponente: CÂMARA MUNICIPAL DE LOURESContacto: dpu@cm-loures.pt Documento de Identificação: _____11.2. Preenchido por: MANUEL VILLOVERDE E FERNANDA FERREIRA Data: 12/05/2021

Recebido por: _____

Em: ____/____/____

-59583 -59483 -59383 -59283 -59183 -59083



Loures

Santo António
dos Cavaleiros
e Frielas

Avenida
Infante Dom
Henrique

Praça Dom João II

-593917

-593817

-593717

-593617

-59583